REFLEXÕES BIOÉTICAS SOBRE O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E O IDOSO MORADOR DE RUA

Beatriz Aparecida Ozello Gutierrez¹ Henrique Salmazo da Silva² Pedro Henrique da Silva Rodrigues³ Tatiane Barbosa de Andrade⁴

resumo

A Bioética, enquanto ciência que se ocupa em problematizar temas referentes à conduta humana, convida-nos a refletir cada vez mais sobre os dilemas sociais, morais e da vida do homem contemporâneo. O objetivo desse artigo é problematizar o cotidiano do idoso que já vivenciou o morar na rua e apontar as estratégias de enfrentamento utilizadas. Este trabalho é um estudo de caso que se concentrou em analisar qualitativamente a narrativa de um idoso que enfrentou desafios ao morar na rua. Os dados colhidos foram avaliados segundo a análise temática, e os temas abordados foram: os significados de morar na rua; desenlace familiar levando à incursão nas ruas e as estratégias de sobrevivência. Destacamos a importância desse tema, pois as demandas do idoso morador de rua requerem respostas no âmbito biológico, econômico, social e também, o reconhecimento cultural.

palavras-chave Bioética, Envelhecimento, Idoso, Sem Teto,

1 Introdução

[...] Morar na rua meu filho, morar na rua... Eu vou falar pra você, não é bom não... É perigoso, [...] você não pode dormir porque é perigoso vir essas

¹ Docente do curso de Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo - USP São Paulo (SP) - Brasil. e-mail: biagutierrez@yahoo.com.br

² Gerontólogo. Bacharel em Gerontologia pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo - (EACH/USP) - Brasil. e-mail: henriquesalmazo@yahoo.com.br

³ Graduando em Gerontologia pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo - USP São Paulo (SP) - Brasil. e-mail: pedrohenrique@usp.br

⁴ Graduanda em Gerontología pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo - USP São Paulo (SP) - Brasil. E-mail: tatiandrade@usp.br

pessoas querer bater na pessoa e até mata! É, perigo... Que nem acontece muito aí, [. . .] Morreu bastante aí, morto pelos outros, facada, cacetada.. Mas também é a pessoa que arruma confusão né... Arruma confusão com os outros e aí, o cara vai e, de noite quando o cara tá dormindo vai e mata a pessoa. É, não é fácil não [. . .]

(Depoimento concedido por um idoso em situação de rua)

Atualmente, as reflexões bioéticas, foco de grandes estudiosos, convidam-nos a colocar em xeque alguns paradigmas morais da vivência humana. A bioética, enquanto corrente científica da ética, que trata de temas referentes à conduta humana, responsabiliza-se por problematizar temas polêmicos como a morte, o aborto, as indiferenças sociais, os tabus e as crenças do homem contemporâneo. Nessa abordagem, é certo que a vida em sociedade requer alguns padrões de conduta, e a bioética permite, justamente, a elaboração de respectivas discussões e análises, principalmente quando nos referimos à humanização do cuidado e ao cuidado à vida, pois essas temáticas merecem atenção primordial nesses contextos (PESSINI, 2006).

Pretendemos neste texto provocar no leitor certos desafios ao levantarmos alguns dilemas bioéticos sobre o processo de morar na rua, em especial, do idoso morador de rua. Incitamos à discussão entre os profissionais, acadêmicos e gestores de políticas públicas para o tema, que infelizmente, é negligenciado nos grandes centros urbanos brasileiros. Somente na cidade de São Paulo, de acordo com os dados da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, estima-se que cerca de 10.390 pessoas encontra-se em situação de rua, população com predominância do sexo masculino, totalizando 80,3%; e com faixas etárias expressivas entre 26 a 40 anos, 32% da população; 35% entre 41 a 55 anos e 14% com idade superior a 56 anos (FIPE, 2003). Tais grupos populacionais possivelmente expressariam a ineficácia das políticas públicas dirigidas às populações empobrecidas, migrantes, vítimas de altos níveis de desemprego e da precarização dos serviços assistenciais e sociais dirigidos por direito a todo cidadão (GHIRARDI *et al.*, 2005).

Interpretando os dados da FIPE entre os anos de 2000 e 2003, constata-se crescimento significativo de 19,3% da população de rua (GHIRARDI *et al.*, 2005). Esses indicadores despertam para a necessidade de estudar as condições de vida desses grupos, os respectivos padrões socioculturais, as crenças, as atitudes, como sobrevivem, e refletir sobre as possíveis estratégias de intervenção que podem ser usadas por educadores, profissionais das áreas da saúde e social que vivenciam ou se preocupam com essas questões.

É sabido que as iniciativas que buscam suprir somente as necessidades fisiológicas das pessoas de rua, acabam contribuindo para que permaneçam no ambiente de rua e se acomodem na situação que vivenciam (GHIRARDI et al., 2005). Por outro lado, resgatar os vínculos familiares, muitas vezes, transforma-se numa experiência penosa, que simboliza dor e sofrimento ou o resgate de lembranças que geralmente são esquecidas. Em muitos momentos, a equipe técnica e os profissionais que atuam com as pessoas em situação de rua tornam-se porta-vozes e portadores da urgência que surge das inúmeras situações sociais críticas que avistam. Entretanto, algumas vezes, são afligidos por sentimentos negativos, como impotência e descrença, advindos pela falta de apoio e acompanhamento, por parte de autoridades, sendo caracterizados como elementos que inviabilizam a atuação e o trabalho integrado dos profissionais envolvidos (BROIDE, 2006).

Em relação ao permanecer na rua, a literatura descreve como sendo expressões utilizadas para identificar como *ficar* na rua, *estar* na rua e *ser* da rua, porque apresentam os níveis de ligação, adaptação e conexão com o ambiente de rua (GHIRARDI *et al.*, 2005; ROSA; CAVICCHIOLI; BRÊTAS; 2005). *Ficar* na rua simboliza uma situação temporária, manutenção dos contatos familiares com a rede de suporte social anterior e trânsito entre albergues, abrigos e serviços de amparo. A rua, nesse estágio de ambientação, é um ambiente ainda ameaçador. Já o *estar* na rua pressupõe o estabelecimento de vínculos entre as pessoas de rua e graus de identificação ampliados sobre o modo de vida e os recursos mobilizados para sobreviver. O *ser* da rua corrobora para o pleno convívio, formas de trabalho e de residir na rua como, de fato, forma de moradia. O último grupo preocupa-se em buscar formas de atender necessidades básicas e trabalhar em subempregos que lhes permitam manter a sobrevivência.

É verdade que a situação das pessoas idosas brasileiras é escandalosa. Por que será que isso acontece? Constantemente nos deparamos com crianças abandonadas na rua, jovens delinquentes, deficientes menosprezados; porém o idoso seria o mais oprimido, sendo até rejeitado e, às vezes, explorado pelos seus filhos e netos. Essa situação foi introduzida nos manuscritos da Gerontologia nas décadas de 70 e 80, considerando a velhice como sendo uma realidade incômoda e silenciosa (BEAUVIOR, 1970).

Os padrões morais do homem ocidental contemporâneo determinavam a velhice como entidade marginalizada, escondida, reprimida dentro dos lares e sobre comportamentos de passividade. O conhecimento científico e empírico acumulado até a presente data, permite desmistificar tais estereótipos, apesar de ainda vigentes no século XXI (NERI, 2006a).

Salientamos que o idoso morador de rua apresenta duas vulnerabilidades: ser idoso e, ainda, morador de rua. É fato, que a literatura gerontológica não disponibiliza dados suficientes para abordar essa questão. Desse modo, os apontamentos presentes neste artigo constituem-se de dados empíricos e buscam apontar para as seguintes questões: (a) Será que a longevidade é de fato uma dádiva humana nas circunstâncias de vulnerabilidade? (b) Quais são os embates colocados no cotidiano destas pessoas e como elas os enfrentam? (c) O que está envolvido nos processos de indiferença, e quais as possíveis inadequações dos moradores de rua em relação às normas sociais e ambientais estabelecidas? (d) Qual a aplicação dos princípios éticos e bioéticos nesses contextos?

Tendo como ponto de partida os questionamentos levantados, o presente estudo apresenta como objetivo norteador: problematizar o cotidiano do idoso morador de rua com base nos depoimentos concedidos por um idoso que já vivenciou o morar na rua e as estratégias de enfrentamento utilizadas.

2 Materiais e Método

Para avaliar os significados e as atitudes diante do morar na rua, optamos pelo estudo de caso, uma vez que este método privilegia a problematização e a discussão sobre questões que partem de uma determinada situação e evento restrito para refletir sobre temáticas desafiadoras e a trajetória envolvida no morar na rua (YIN, 2001). Dessa forma, entendendo que o objetivo do estudo de caso é promover a descrição, a reflexão e o amadurecimento de questões pouco tratadas na literatura, os dados analisados não podem ser generalizados. Acreditamos que esses dados subsidiarão uma discussão inicial sobre a complexidade e os significados de viver na rua.

Julga-se que morar na rua compõe o universo de situações extremas que exigem dos indivíduos a adoção de estratégias de enfrentamento dirigidas para as inúmeras dificuldades do cotidiano, como buscar condições imprescindíveis para a manutenção da sobrevivência. Causa-nos admiração a força que urge dentro do espírito dessas pessoas para superarem as dificuldades impostas pelo cotidiano e ainda, buscar a capacidade humana primordial de atribuir sentido, meta e propósito à existência. Esses indivíduos retiram forças do próprio interior para viver e encarar as dúvidas e também, os penosos acontecimentos. É possível que sejam pessoas que apresentam resiliência psicológica na medida em que são "portadores da capacidade humana"

de fazer frente às adversidades da vida, superá-las e sair delas fortalecidos ou inclusive transformados" (ALVAREZ et al., 2004 p. 49).

Nesse sentido, tivemos como objeto de estudo as narrativas concedidas por um idoso ex-morador de rua que vivenciou 30 dias nas ruas. O participante é do sexo masculino, tem 72 anos de idade, mora em um albergue, localizado no município de São Paulo, onde reside há três anos.

As narrativas foram colhidas com base em uma entrevista previamente estruturada, que contou com questões referentes à sua história de vida, o contexto em que passou a viver na rua e quais foram as estratégias de sobrevivência por ele utilizadas.

O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP) em 24/10/2006 e sob processo número 592/2006/CEP- EEUSP. A entrevista foi autorizada pelos responsáveis da administração do albergue, o idoso entrevistado foi orientado sobre o direito de participação conforme a Resolução 196/96 referente à Pesquisa com Seres Humanos e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dados colhidos em novembro de 2007 foram analisados de acordo com a temática proposta por Minayo (1999). Chegou-se assim, aos temas que emergiram como unidades de significado para o idoso pesquisado.

3 Resultados

Os discursos advindos da entrevista realizada originaram as seguintes categorias de análise referentes à vivência do idoso: significados de morar na rua, desenlace familiar levando à incursão nas ruas e as estratégias de sobrevivência.

3.1 Os significados de morar na rua

O pesquisado morou cerca de um mês na rua. Migrante do nordeste, estado do Ceará, inicia a sua narrativa contando-nos sobre o local em que ficava devido à falta de teto e como lidava com as adversidades do cotidiano, como nos casos em que não dormia quando chovia:

Na rua mesmo eu fiquei mais ou menos um mês. Eu vim do interior, eu não sou daqui, sou do Ceará. Aí eu briguei com a minha família, né! [. . .] fiquei mais ou menos dois meses aqui dormindo na Concórdia. Aí se chovia ali tem uma descida ali, que tem um... tipo uma Caixa Econômica, aí eu ficava por ali

só que tinha um monte de água assim, num sentido, só pra dentro... Pra dormir não tinha jeito.

Ao narrar sobre o cotidiano de morar na rua, o pesquisado observou que foi uma experiência desagradável, referenciou situações de vulnerabilidade, ao citar que quando chovia corria o risco de ficar molhado e não dormir. Tal condição de vulnerabilidade implica em uma espécie de situação e/ou evento capaz de perturbar o estado físico e mental, exigindo dos sujeitos a superação de diversas situações que, de certo modo, são provocadoras de desordens ou desajustamento (ALVES, 2002).

Ao vivenciar situações de vulnerabilidade que expõem o pesquisado à privação do sono, ao risco iminente de ficar molhado e indiretamente à possibilidade de danos que poderiam comprometer o estado físico e mental, deparamo-nos com um quadro representativo. Muitas vezes, as pessoas ao se tornarem longevas e idosas, podem experienciar níveis de vulnerabilidade que colocam em risco a integridade pessoal e o seu estado de saúde. A condição de se tornar mais velho não é um atributo protetor, pelo contrário, no contexto de vulnerabilidade a longevidade passa a ser uma experiência onerosa na medida em que a possibilidade de interação com o ambiente e a manutenção da saúde ficam prejudicadas. Então, surge um dilema ético: Até que ponto a longevidade é considerada como um ganho?

Se por um lado a longevidade é uma conquista dos avanços biomédicos, tecnológicos e da saúde, por outro, nas condições em que os princípios de dignidade e liberdade são desrespeitados, a longevidade se torna um desafio. Em meio a condições sociais adversas os idosos são expostos a situações de violência e possuem menores possibilidades para se desenvolver, existir e participar com plenitude da própria vida, elementos que fazem parte da composição dos direitos humanos, inerentes a todos as pessoas (RAMOS, 2002). É certo, que a situação de rua coloca em evidência a amplitude das expressões de vulnerabilidade e o quanto tais populações são amparadas pelo sistema público e sociedade civil, colocando em xeque o quão as iniciativas que buscam minimizar as redes de proteção sociais são efetivas.

Vale ressaltar que no Brasil, país com altos índices de vulnerabilidade e desigualdade social, a população idosa encontra-se desprovida dos padrões básicos de atenção e de serviços tanto da área da saúde quanto social. Nessa abordagem, tem-se que os avanços nas políticas públicas, visando à melhoria da qualidade de vida e envelhecimento ativo, são modestos e precisam ser reforçados pelas iniciativas da sociedade civil, de profissionais e das próprias comunidades.

É fato que a longevidade passará a ser um ganho quando as populações que envelhecem apresentarem melhores condições de vida, altos índices de satisfação e bem-estar subjetivo, além de melhor avaliação em relação aos indicadores objetivos e subjetivos envolvidos na qualidade de vida. Acredita-se na Gerontologia, que devemos acrescentar vida aos anos, sendo que esta possibilidade está vinculada à premissa de que envelhecer não apresentaria sentido se desconsiderássemos o potencial de realização, criação e de otimização das oportunidades para que esta etapa do ciclo vital possa ser vivenciada com elevados níveis de satisfação e qualidade de vida (BALTES; SMITH, 2006).

A vulnerabilidade e os significados expressados no depoimento do idoso apresentaram-nos que o próprio não desejava vivenciar novamente os seus dias nas ruas. O idoso lembrou-se de um episódio em que quase foi abordado por dois rapazes, experiência que causou sensação de medo e perigo iminente de ser roubado. Ao perceber que corria risco o entrevistado tentou sentar-se, atitude que, de algum modo, poderia comunicar aos rapazes que estava alerta e que poderia sair correndo:

Não quero voltar mais não. Esse negócio de rua, rapaz! Aí quando dá pra meia noite, aparece aquele pessoal que já é da... Sabe... Passa, olha pra gente assim... Passa meio... A gente não consegue dormir sabe! Aí olha, olha, olha... Um dia chegou em dois né. Aí um falou pro outro: " — Será que ele não tem dinheiro no bolso" Eu falei... Hum... Pronto, agora danou-se! Aí eu já me mexi assim, e tal, aí já tentei me sentar, pelo menos sentado dá pra mim correr para um lado ou pro outro, né! Aí ele se tocou né, e saíram andando... [. . .] Aí eles ficaram olhando pra trás! Aí eu falei, não, vou andar de quatro! Aí eu mudei pro outro lado da praça. Então, aí não apareceu mais ninguém.

Criminalidade, incertezas, trajetórias de vida incompletas, são elementos que, na maioria das vezes, compõem o cotidiano de muitos homens e mulheres que vivem os seus dias no ambiente de rua. Nesse sentido, morar na rua, provocou no pesquisado um estado de alerta para proteger-se mesmo quando tentava dormir. A situação de violência, denunciada pela presença dos dois rapazes, possibilitou a reflexão sobre a origem e o modo como a violência perpetua-se nos ambientes de rua.

Será que os rapazes não estariam apenas reproduzindo um ciclo de violência que vivenciam no cotidiano e/ou vivenciaram? Para responder a esta questão, é necessário conceber, assim como cita Trasferatti (2006), sobre as duas formas de violência que mais chamam a atenção: a violência pessoal e a violência estrutural. O pesquisado, quando denuncia o risco de sua integridade

pessoal por parte dos rapazes aponta a realização de um ato de violência pessoal, expresso pela visibilidade, pela possibilidade de registrar e reclamar sobre a situação.

Por outro lado, os rapazes e, até mesmo, o próprio entrevistado que também se encontrava em situação de rua, fazem parte de uma violência que acontece nas entrelinhas, que não apresenta inimigo denunciado e nenhuma causa clara para identificar. Esse tipo de expressão de violência pode ser denominado por violência estrutural, escondida quando os sujeitos não possuem oportunidades de acessar os serviços, de possuir um teto e ter as condições mínimas de sobrevivência garantidas. Viver na rua, assim como referenciou o idoso entrevistado, coloca os sujeitos perante condições de vida que, muitas vezes, os defrontam com a miséria e com o limiar do que pode ser concebido como existência. As amarras impostas ao pesquisado pela condição vivenciada parecem contribuir para o que Broide (2006) denominou como sendo resultado de viver em condições sociais limites:

[. . .] O estar na rua, assim como todas as situações sociais limites exigem do sujeito uma intensa defesa contra a dor, contra a perda, contra o medo e contra o desamparo. Esse processo defensivo tem uma dupla face. A primeira propicia a vida ao permitir uma adaptação às situações, muitas vezes, inimagináveis. A segunda direciona o sujeito para a morte na medida em que obtura a reflexão sobre a sua história remetendo-o a atuação sem palavras em um meio permeado pela violência. [. . .]

A violência estrutural, desse modo, pode ser a mola propulsora para a violência pessoal, orientada para as outras pessoas que também vivem na mesma condição. Uma estratégia utilizada pelo idoso na tentativa de evitar danos à própria integridade pessoal foi a mudança do local em que dormia. Na narrativa, não sabemos em que medida os rapazes saíram correndo, se porque identificaram que o pesquisado era idoso, porque ficaram com receio de serem identificados por outros membros da rua, serem punidos, ou até mesmo sofrer o risco de serem agredidos fisicamente pelo pesquisado. Apesar dos fatores não terem ficado claros, é possível identificar que a solidariedade entre os moradores de rua é um atributo que pode restringir-se somente aos grupos e afiliações de pessoas que compartilham o cotidiano. Ao contrário das situações de violência, que não surgem na perspectiva de que não existem expressões mediadas pelo diálogo, as situações de solidariedade fundamentam-se na perspectiva de trocas e no exercício de colocarse no lugar no outro, sentimentos que se associam ao altruísmo e a doação.

3.2 Desenlace familiar levando à incursão nas ruas

Nos fragmentos do depoimento concedido pelo idoso é possível identificar que a sua incursão na rua também resulta de conflitos e brigas no ambiente familiar. A antiga esposa, também migrante, veio para São Paulo jovem, passando a residir com ele em um bairro periférico da cidade de São Paulo. O casal teve filhos e passou a viver relativamente bem. No entanto, o pesquisado anuncia que o fator desencadeador de brigas era a ida frequente aos bailes e ao bar, assim como o encontro com outras mulheres que compuseram relacionamentos extraconjugais.

É pra gente ver o quanto vale uma família!!! A gente larga da família, aí ohh... A coisa que vem pela frente... E outra, por uma pior bobeira sabe... Como lá perto de onde eu morava tem um salão de baile... Poxa, se eu tenho minha família e tudo, que diabo eu quero arranjar mais rabo de saia... Nessa época eu trabalhava, chegava o dia do pagamento a mesa com cerveja, tomando uns negócio lá, né! A minha esposa é do Ceará sabe, o pai dela já é falecido, ele matou o próprio sobrinho! Aí ela pegou e mostrou uma faca deste tamanho assim... Uma peixeira! Ela falou: — Está vendo isso aqui, isso pode servir pra você a qualquer hora! [. . .] Naquela época ela trabalhava também, então tinha toda a razão, não é? Trabalhava duro e ainda, o marido ainda vai aprontar né! E ela ajudava em casa... [. . .] Mas ela trabalhava, tinha todo o direito né!

O depoimento evidencia que o entrevistado atribui à responsabilidade pelo conflito com a esposa, sua conduta que, de algum modo, a desrespeitou, sendo ela considerada pelo marido uma mulher trabalhadora e honesta. Por outro lado, quando fala que o sogro matou o sobrinho e que a esposa ameaçou-lhe com a faca, relata no fundo um histórico sucessivo de violência que é transmitido entre as gerações. É interessante observar que a dimensão da violência ficou expressa nos vários acontecimentos envolvidos com o histórico familiar e também na dimensão de viver na rua.

Parece que a situação de vulnerabilidade e desamparo presentes na vida do pesquisado foram decorrentes do acúmulo de histórias e passagens devido à ausência de diálogo e interações sociais bem-sucedidas entre a família, mais precisamente entre ele e a esposa. Verifica-se que a família também é palco de relações orientadas pelo poder e domínio ideológico (DEBERT; SIMÕES, 2006). Em geral, o paradigma contemporâneo da família perfeita, com ausência de conflitos e que conta o modelo patriarcal de gerir a vida familiar, é a forma de visualizar a dinâmica familiar que atualmente está em decadência. Além disso, a família é considerada como um grupo de suporte social, para o qual os idosos referenciam menor possibilidade de satisfação.

Nessa linha de conhecimento, é possível que na visão do entrevistado, a sua família tenha representado a possibilidade de suporte e que, ainda nos dias atuais, represente um papel importante pela idéia que apresentou, como relata na passagem do baile, um comportamento indesejado em relação ao que era socialmente esperado de um homem casado. No entanto, existe uma mudança de paradigma relacionada à responsabilidade da mulher nos novos arranjos familiares, resultado das transformações das relações na sociedade e na família. A forte presença da mulher na chefia da família é sugestiva desse ordenamento familiar em que a mulher desempenha uma diversidade de papéis substituindo o homem, cada vez mais ausente.

Como aponta Freud (1996), o outro, as normas e a civilização acentuam o caráter social e organizador da humanidade, possibilitando imprimir aos que se desviam das normas como transgressores, pessoas desajustadas, desviantes. Diante do exposto outro dilema ético surge: Será que a família e a sociedade por vezes não enfatizariam o caráter recriminador das normas sociais e utilizar-se-iam de recursos excessivos para confirmar que estes indivíduos estão transgredindo as normas? Até que ponto considerar que as pessoas são transgressoras exime a responsabilidade sociofamiliar e coletiva em propiciar ambientes de acolhimento e pertencimento social?

O depoimento do participante leva-nos a sugerir que a esposa tem uma maneira de ser pouco flexível e que procura medidas drásticas para dar uma resolução à situação de conflito. Além disso, é possível que a ausência do contato com os filhos e com a esposa distancie o entrevistado do que seria também socialmente esperado para os homens que apresentam a mesma idade cronológica, a qual está marcada pela abundância de netos, presença de uma família numerosa e estabilidade socioeconômica (DE-BERT, 1999). No entanto, algumas vezes, essa convivência multigeracional, está atrelada à tradição de acolhimento dos filhos e netos, face às suas dificuldades para se constituírem independentemente. Os filhos buscam apoio dos pais idosos, numa prática coerente com a moralidade dos pobres que dividem teto e comida, nas redes de solidariedade tecidas entre parentes e amigos, muitas vezes, como única alternativa para sobreviverem (SARTI, 1996).

Ao conviver com filhos adultos e netos em sua própria casa, o idoso luta para que prevaleça sua autonomia e sua condição de chefe, assumindo a responsabilidade pela manutenção de si próprio e de sua família. A importância desse poder sobre seus descendentes, também exprime-se na autonomia, indicada como sendo um dos princípios da bioética, a partir do momento em que o idoso desfruta e que também concede algo aos filhos e

netos, que lhe devem obediência; assim configurada essa situação, além de constituir um importante fator para elevar a autoestima desse idoso, acentua também a valorização da família. Além do que, esta convivência propicia a experiência das partes envolvidas nas trocas intergeracionais, com as consequências positivas dessa relação, ao mesmo tempo em que se ampliam possibilidades de se desenvolverem os mecanismos da reciprocidade e de conflitos (CABRAL, 1998).

O entrevistado aponta que depois do conflito não voltou mais para casa e, a partir daquele momento, passou a vivenciar os seus dias na rua. Apesar de ter saído de casa, recorda-se, ao longo da entrevista, do local onde reside a sobrinha e as filhas. Relata que em certo dia, ao levar um morador do albergue para ser atendido em um hospital, reatou o contato com uma das filhas.

Quando chegou na hora de fazer a ficha, a moça que estava fazendo a minha falou: Ué, o senhor tem alguma filha? Eu tenho. Ela trabalha em um hospital? [ela falou] Então ela trabalha aqui. Tu quer ver ela? Pode? Aí ela veio, conversou comigo... Eu sem querer encontrei!!

A maneira como o participante expressou-se ao aludir a esse fato foi de imensa emoção. No entanto, explicitou que tem medo de procurar a sua família, por considerar que seria rejeitado por todos.

Hoje uma qualidade de vida pra mim é uma das melhor coisas que eu conheço. A coisa melhor que nós têm chama-se família... Mas, eu não volto para casa. Fu não sei se vão me receber!!!

"A maioria dos idosos moradores de rua vive hoje o resultado de como foi o processo de sua inserção social no mundo do trabalho" (OLIVEIRA, 2001). É interessante observar neste tópico que existe uma parcela significativa de homens de meia idade que se tornam moradores de rua e abandonam suas histórias de vida familiares, pessoais e profissionais. Talvez as responsabilidades, a presença de eventos de vida críticos e não normativos, isto é, de difícil adaptação, exibiriam presença relevante sobre como passaram a viver na rua e sobre como vão envelhecer, influenciando as possibilidades e as escolhas para diferentes trajetórias de vida (NERI, 2006b). No entanto, apesar de considerarmos a importância dos princípios da Bioética no que se refere à beneficência e à não-maleficência a favor da dignidade humana, devemos levar em conta a autonomia desse indivíduo, no sentido de proporcionar-lhe o respeito à sua vontade.

Corroboramos com Cabral (1998), ao enfatizar que a representação da família para idosos das camadas populares ocupa um lugar relevante. Ela é o locus da generosa partilha cotidiana de labores, em benefício próprio e dos seus descendentes, principalmente para as mulheres, pois o prolongado papel maternal está enfatizado tanto no papel de mães quanto de avós que compõem a maioria da população idosa.

3.3 Estratégias de sobrevivência

Uma das estratégias referenciadas pelo pesquisado foi a sua afiliação ao albergue:

Se eu falar pra você que não tenho nada eu tenho, tenho aqui.. Aqui é ótimo! [...] Não, falei: - Tá loco! Para quem estava na rua tá bom demais né? Aí eu acho que não chegou a duas vezes não, aí a moça... mesmo assim me trouxe, veio aqui comigo primeiro, eu conversei com o pessoal, aí me mostraram um quarto, sabe?

A possibilidade de usufruir de serviços de proteção social básica do albergue, como a garantia de atributos para a sobrevivência, um teto e a alimentação, foi fundamental para o pesquisado, uma vez que lhe proporcionou sair da situação de vulnerabilidade e urgência em que se encontrava. Tal atitude foi avaliada como estratégia de sobrevivência. Viver na rua, assim como nos conta nas passagens anteriores, remetia o entrevistado a passar por situações de vulnerabilidade constantes, sendo o albergue uma espécie de refúgio para os dilemas e desafios cotidianos que, até então, enfrentava.

Verifica-se que o albergue, antes de ser um aparelho de proteção social, é uma garantia para que as pessoas de rua e desfavorecidas do meio urbano possam receber aparatos mínimos para a sobrevivência. O trabalho assistencial nessas instituições é tecido pelo objetivo de suprir necessidades básicas, garantir os direitos do cidadão e ao mesmo tempo, de certo modo, suavizar a quantidade de pessoas que se encontra em situação de rua perante os olhos da população.

Vale relembrar que os benefícios concedidos, a partir de políticas públicas visando à justiça e centrando-se na relação de direitos humanos, também portam a relação indireta de retirar das ruas a situação gritante de vulnerabilidade e exclusão, a qual os indivíduos estão expostos. Mesmo diante desse universo paralelo, constituindo-se ainda, como reflexão bioética, no sentido de estimar as amplitudes e o interjogo de fatores envolvidos na

atuação das instituições, o pesquisado aponta que estar no albergue é uma experiência positiva. Apesar disso, ele tentar burlar as regras vigentes, principalmente a que se refere à proibição de bebida alcoólica por parte dos residentes.

A presença do uso de bebida alcoólica também se caracterizou como um fator predisponente no percurso da vida do idoso em romper os laços familiares, afiliando-se ao ambiente de rua – uma estratégia de sobrevivência para continuar encarando as circunstâncias vigentes. Na narrativa, a bebida também se configurou como um fator que ampliava as formas de contato social entre as pessoas de rua, possibilitando a formação de agregados para dividir a bebida que frequentemente era consumida em grupos. Atualmente, apesar de ter saído das ruas e de estar no contexto de um albergue, o pesquisado refere que ainda continua bebendo, hábito que já virou vício de sua vida.

A única coisa que eu tenho vício mesmo é quando eu tomo... É, vou falar mentira não, tomo né, dias de pagamento! Assim... Elas ficam de olho sabe [as funcionárias da instituição]. Tem um barzinho aqui perto né, quando a gente senta ali, é meio escurinho né!

Enfatizamos sobre a necessidade de trabalhos educativos que visem à prevenção do uso do álcool na velhice. Além disso, os serviços de atendimento à população idosa devem ser rigorosamente supervisionados pelos Conselhos do Idoso e Ministério Público, a fim de que as entidades governamentais e não-governamentais possam ser responsabilizadas, caso os procedimentos realizados por elas não estejam em consonância com as legislações federal, estadual e municipal, direcionadas ao atendimento do idoso.

4 Discussão

Viver em situações extremas, como morar na rua, ainda é um das grandes problemáticas desafiantes para as políticas públicas, para os estudos em bioética e para a real efetivação dos códigos de defesa dos direitos humanos (RAMOS, 2001). Enfocando os idosos moradores de rua indagamo-nos: Qual a aplicação da bioética nesse contexto?

Situações sub-humanas de existência ainda compõem o arsenal de injustiças que assolam, cada vez mais, um número maior de pessoas que entram na faixa da miséria, na qual experenciam níveis de vulnerabilidade que colocam em xeque princípios primordiais da bioética, como a possibilidade de viver e o risco de passar a não existir. Viver não é apenas uma

situação de estar no mundo, mas sim uma possibilidade de desenvolver potencialidades humanas, aproveitar momentos significativos que compõem o nosso cotidiano e dão sentido a nossa existência. Nas situações de rua, o próprio estar no mundo parece ser uma dimensão comprometida, exigindo, como destacou o idoso pesquisado, as diferentes maneiras de enfrentamento para superar as situações que constantemente colocam em risco a dignidade, a liberdade e a autonomia dos sujeitos.

O mundo capitalista destaca que "a vida humana é valor secundário, perfeitamente sacrificável no altar do capital. O caráter trágico da idolatria se mostra no fato de que ali, onde emerge o verdadeiro absoluto, o homem deixa de ter valor em si" (OLIVEIRA, 2001). Essa afirmação conduz-nos a repensar sobre o conceito de bioética, já que ela tem a vida como objeto de estudo, uma vez que vislumbra sobre as questões referentes à vida humana (SEGRE, 2002). Esse conceito pressupõe uma breve aproximação e necessidade de atrelarmos os valores humanos individuais às transformações da sociedade. Enfim, a bioética é a ética da vida, de todas as formas da vida. Nessa perspectiva, cada dia mais o campo da bioética adquire ramificações, com o intuito de garantir ao indivíduo o que pode ser realizado de melhor para proporcionar-lhe qualidade de vida, baseada nos princípios e valores éticos de uma sociedade em determinado momento histórico.

A Bioética, enquanto área do conhecimento que envolve interfaces entre diferentes disciplinas, possui o desafio de refletir sobre ações que abarquem a vida e o viver de cada indivíduo e de todos os seres humanos.

Pensando assim, a Bioética tem muito a colaborar na qualidade de vida dos idosos moradores de rua. Devemos salientar a existência de alguns problemas atuais importantes que afligem os idosos, tais como: desrespeito aos valores sociais, marcado pelo preconceito e pela discriminação; desrespeito à autonomia; presença de violência; a finitude sem dignidade e a injustiça social.

Nessa abordagem, as transformações sociais ao longo do tempo desencadeiam rupturas injustas, sendo o homem protagonista da própria história e artífice de seus resultados; em que os poderosos são privilegiados e os marginalizados estão excluídos do sistema (OLIVEIRA, 2001). Dentre esses marginalizados estão os idosos moradores de rua. O que deve ser feito?

Devemos lembrar que em bioética é fundamental entender a justiça como cuidado e proteção às pessoas com incapacidade física e de decisão, levando-se em conta também as camadas sociais excluídas da educação, do acesso à saúde, à habitação e à participação política (PEGORARO, 2005). Contudo, nossa intenção é mostrar que o idoso morador de rua é um indivíduo

que, apesar de ser vulnerável, deve ter a sua autonomia respeitada, sendo deste modo, livre para escolher o seu caminho.

Enfatizamos que a prática da liberdade exige mais do que um olhar superficial e imaturo para a real idade em que se vive, exige um olhar reflexivo e uma autonomia pessoal, porque no momento em que o indivíduo realiza qualquer ação, ele deve assumir e responsabilizar-se pelos seus próprios atos. A partir disso, o seu grau de liberdade é diretamente proporcional ao seu bem estar material, físico, cultural, emocional e espiritual (RAMOS, 2001).

O Princípio da Autonomia deve ir além do entendimento de ser apenas a autodeterminação de um indivíduo, pois essa é simplesmente uma de suas várias e possíveis leituras. A inclusão do outro na questão da autonomia trouxe, desde o pensamento de Kant, uma nova perspectiva que alia a ação individual com o componente social. Nessa perspectiva, surge a responsabilidade pelo respeito à pessoa, que talvez seja a melhor denominação para o Princípio da Autonomia.

Charlesworth (1996) revela uma perspectiva social para a autonomia do indivíduo, podendo conduzir a própria noção de cidadania. Esse autor refere que "Ninguém está capacitado para desenvolver a liberdade pessoal e sentir-se autônomo se está angustiado pela pobreza, privado de educação básica ou se vive desprovido da ordem pública". Ao constatar que as condições mínimas de subsistências não são garantidas, os sujeitos são convidados a se concentrarem apenas nas questões pessoais e de manutenção da sobrevivência, situação que não abre espaços para o exercício pleno da cidadania.

Do ponto de vista da Bioética, a cidadania está ainda para ser construída e instaurada. Isso deveria ocorrer imediata e urgentemente, visando alcançar à valorização do ser humano, que deve incorporar atividades fortalecedoras do processo de construção humana. Atividades tais, que permitem ao ser humano a tomada de consciência de seus direitos, de seus deveres e da necessidade de atenção com os vulneráveis sociais. Isso garante o respeito à identidade dos indivíduos, o que inclui dimensões biológicas, psicológicas, sociais, culturais e espirituais.

O desafio está em promover a participação efetiva na elaboração e implementação de projetos sociais que enfatizem o desejo em desenvolver novos enfoques relacionados à responsabilidade social. Assim, criam-se alternativas para proteger direitos e interesses dos idosos incapazes de desenvolver e expressar a própria autonomia (SANTOS, 2005).

5 Considerações Finais

Os vínculos estabelecidos entre as histórias pessoais, os familiares e até mesmo com a condição de ser morador de rua foram, para o pesquisado, componentes relevantes para a criação de expectativas perante a vida e à formação dos próprios projetos de vida. Os dados de sua narrativa constataram que a família, a integridade pessoal e a ascensão da vida pessoal e social caracterizam-se como dimensões significativas para explicar a sua inclusão no ambiente de rua e, consequentemente, a avaliação do histórico de vida com base no que viveu.

Vale salientar que esses significados são limitados para o presente estudo de caso, visto que para outros idosos a conotação de morar na rua pode abranger esferas do *ser* da rua, situação que pressupõe o convívio pleno, o trabalho e níveis de adaptação relativamente altos com a vida nas ruas.

Sugerimos que os próximos estudos concentrem-se na identificação das situações e/ou eventos que fazem com que os moradores de rua maduros e idosos atribuam à rua um ambiente que vincula as formas extremamente adaptadas de viver e subsistir. Desse modo, faz-se imprescindível a continuidade dessas reflexões, uma vez que as respostas ainda estão por surgir e quando forem colocadas em prática poderão amenizar a problemática do idoso morador de rua. Para tanto, as demandas do idoso morador de rua requerem respostas no âmbito biológico, econômico, social e, também, no âmbito do reconhecimento cultural.

Acreditamos que mudanças sociais efetivas devem se consolidar no respeito ao outro e na adoção de princípios que envolvem o respeito à vida e à dignidade humana. É certo que novas redes de idosos e de moradores de rua em processo de envelhecimento exigirão outras maneiras de atuação que serão subsidiadas por diferentes modelos assistenciais. Para tais, é imprescindível pensar alternativas abrangentes e profundas que possibilitem melhores condições de vida e almejem por uma sociedade mais justa e fraterna, respeitando a opção de morar na rua e garantindo assim, a igualdade e dignidade para todos.

Salientamos que os sujeitos, apesar de vivenciarem condições de vulnerabilidade social, devem ser vistos como pessoas protagonistas do próprio processo de mudança. Essa perspectiva garante o resgate da cidadania e da participação efetiva em situações sociais que envolvem o exercício da relação entre direitos e deveres.

Finalizamos com o discurso:

O passado, o presente e o futuro do idoso em situação de rua estão associados com adversidades e constrangimentos. O passado marcado por um círculo de pobreza reflete a dificuldade de atribuir valores positivos ao presente e a possibilidade de um futuro melhor esvazia-se. (MATOS: FERREIRA, 2005)

BIOETHICS REFLECTIONS ABOUT THE AGING PROCESS AND THE OLDER STREET INHABITANTS

abstract

The bioethics is a science that argues the human's behavior, social problems and the man's life contemporary. The goal of this study is to discuss the experiences of an elderly that lived in the streets and, in other hand, to know the strategies of survival. We made a case study analyzing the narratives of an elderly when he lived in the streets. The data had been analyzed according to the thematic analysis: the meanings to live in the street; familiar outcome taking to the incursion in the streets and the strategies of survival. We can detach the real importance of this subject because the street inhabitant's demand answers in biological scope, economic, social and cultural recognition.

keywords Bioethics. Aging. Aged. Homeless People.

referências

ALVAREZ, Aparecida Magali de Souza; ALVARENGA, Augusta Thereza de; FIEDLER-FERRANA, Nelson. O encontro transformador em moradores de rua na cidade de São Paulo. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, vol. 16, n. 3, p. 47-56, set./dez. 2004.

ALVES, Paulo César Nervoso e Experiência de Fragilização: narrativa de mulheres idosas. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA Jr., Carlos E. A. (Org.). Antropologia, Saúde e Envelhecimento. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002. cap. 7, p. 153-174.

BALTES, Paul B., SMITH, Jacqui. Novas Fronteiras para o futuro do envelhecimento: a velhice bem sucedida do idoso jovem aos dilemas da Quarta Idade. *A terceira idade*, São Paulo, v. 17, n. 36, p. 7-31, 2006.

BEAVIOUR, Simone. A Velhice: a realidade incômoda. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BROIDE, Jorge. A Psicanálise nas situações sociais críticas: uma abordagem grupal à violência que abate a juventude nas periferias. 196f. Tese (Doutorado) Programa de Pós Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

CABRAL, Benedita Edina da Silva Lima. Família e idosos no nordeste brasileiro. *Cademo CRH*, Salvador, n. 29, p. 49-67, jul./dez. 1998.

CHARLESWORTH, Max. La bioética em uma sociedad liberal. Cambrigde: Cambridge, 1996.

DEBERT, Guita Grin. A Reinvenção da Velhice: Sociabilização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP. 1999.

DEBERT, Guita. Grin; SIMÕES, J.A. Envelhecimento e Velhice na Família Contemporânea. In: FREITAS, Elizabete Viana de et al. (Org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. cap. 146, p. 1366-1373.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, 1930 [1929]. In: ______. O futuro de uma ilusão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 65-147. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICA. (FIPE). Censo dos Moradores de Rua. São Paulo: FIPE, 2003.

GHIRARDI, Maria Isabel Garcez; LOPES, Samira Rodrigues; BARROS, Denise Dias; GALVANI, Débora. Vida na rua e cooperativismo: transitando pela produção de valores. *Interface — Comunicação, Saúde, Educação*, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 601-10, set./ dez. 2005.

MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. O idoso em situação de rua: Sísifo revisitado. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 22, n. 1, p. 23-32, mar. 2005.

MINAYO, Maria Cecília Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 6.ed. São Paulo: Hucitec: ABRASCO, 1999.

NERI, Anita Liberalesso. Atitudes em relação à velhice: questões científicas e políticas. In: Freitas, Elisabete Viana et al. (Org.). Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006(a). p.1316-23.

NERI, Anita Liberalesso Teorias psicológicas do envelhecimento: percurso histórico e teorias atuais. *In:* FREITAS, Elizabete Viana de *et al.* (Org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006(b). p. 58-77.

OLIVEIRA, Jairo da Luz. A vida cotidiana do idoso morador de rua: as estratégias de sobrevivência da infância à velhice - um círculo de pobreza a ser rompido. 144f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre (RS), 2001.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Desafios éticos da globalização. São Paulo: Paulinas, 2001.

PEGORARO, Olinto A.. Justiça como cuidado. In: SCHRAMM, Fermin Roland; REGO, Sérgio; BRAZ, Marlene e PALÁCIOS, Marisa (Orgs.). Bioética: riscos e proteção. Rio de Janeiro: UFRJ/FIOCRUZ, 2005. p. 62-8.

PESSINI, Leocir Bioética, envelhecimento humano e dignidade no adeus à vida. *In:* FREITAS, Elizabete Viana de *et al.* (Org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p.154-176.

RAMOS, André de Carvalho. Direitos Humanos em Juízo. São Paulo: Editora Max Limonad, 2001.

ROSA, Anderson da Silva; CAVICCHIOLI, Maria Gabriela Secco; BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. O Processo de saúde-doença-cuidado e a população em situação de rua. Revista Latino-americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 13, n. 4, p. 576-82, jul. ago. 2005.

SANTOS, Ana Carla Petersen de Oliveira; SILVA, Cátia Andrade da; CARVALHO, Lucimeire Santos; MENEZES, Maria do Rosário de. A construção da violência contra idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia,* Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 115-127, 2005.

SARTI, Cynthia. A familia como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas: Autores Associados, 1996.

SEGRE, Marco. Definição de bioética e sua relação com a ética, deontologia e diceologia. In: SEGRE, Marco; COHEN, Cláudio (Orgs). *Bioética*. 3.ed. São Paulo, Edusp, 2002. p.27-34.

TRASFERETTI, José. Ética e Responsabilidade social. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

YIN, Robert K. Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. Disponível em: http://www.nge.ct.ufsm.br, 2001. Acesso em: 25 out. 2007.

Recebido em: 11/02/2009 1ª Revisão em: 06/09/2009 2ª Revisão em: 11/12/2009 3ª Revisão em: 15/03/2010 Aceite Final: 22/03/2010